

## Em meio à crise e incertezas em Moçambique: o que vem a seguir?

---

**S**em ilusões: a crise continua em Moçambique, mesmo depois da tomada de posse de Daniel Chapo como Presidente da República, a 15 de Janeiro, e da constituição de um novo Parlamento, dois dias antes. Entre as causas imediatas da crise estão questões eleitorais, nomeadamente a fraude massiva nas eleições de 9 de Outubro de 2024. No entanto, o movimento de contestação que se seguiu, sobretudo a partir de 21 de Outubro de 2024, revelou questões mais profundas, associadas a um sentimento de exclusão sócioeconómica e política de muitos moçambicanos.

Há, pois, muita frustração diante do agravamento das condições de vida, do aumento das desigualdades e do desemprego persistentes, factores que se intensificaram na última década e alimentam o descontentamento de amplos sectores da sociedade, especialmente entre os jovens e outros grupos vulneráveis.

Nas ruas, cartazes e relatos dos protestantes são claros: muitos rejeitam os resultados eleitorais e se distanciam dos governantes da Frelimo, no poder há 49 anos.

Entretanto, os protestos já duram há mais de quatro meses, deixando um rastro de violência: mais de 300 mortos e um número ainda incerto de feridos e desaparecidos, além da destruição de inúmeras

### Egídio Chaimite

Pesquisador, docente e consultor  
Instituto de Estudos Sociais e  
Económicos – IESE  
Maputo, Moçambique

infra-estruturas públicas e privadas. Apesar disso, o impasse continua. As tentativas de diálogo fracassaram e o país permanece mergulhado em incertezas. Que cenários se desenham?

### “Olho por olho, dente por dente”: a escalada

No dia 9 de Janeiro, quando Venâncio Mondlane, o segundo candidato presidencial mais votado, pelo menos de acordo com os dados oficiais, aterrou no aeroporto internacional de Maputo, foi recebido por uma enorme multidão e proferiu um discurso simbólico de tomada de posse, com uma bíblia na mão.

Venâncio retornava de parte incerta, onde permaneceu por cerca de dois meses, alegadamente por perseguição política em Moçambique, e é de lá que organizava as *lives* a partir das quais dava orientações aos protestantes. Ele, que era aguardado com enorme expectativa pelos seus seguidores, fez depois uma passeata até ao mercado Estrela, na cidade de

Maputo, onde repetiu o discurso de tomada de posse. Dois dos seus seguidores foram baleados pela polícia, um dos quais mortalmente.

Uma semana depois, Daniel Chapo, o candidato da Frelimo proclamado vencedor das eleições, também tomou posse na Praça da Independência, em Maputo. O evento decorreu sob enorme tensão, uma vez que Venâncio Mondlane havia convocado protestos de três dias, entre 13 de Janeiro, a data da tomada de posse dos deputados, e 15 de Janeiro, data da tomada de posse do Presidente da República. Contrastando com as anteriores cerimónias de investidura dos presidentes, abertas, com enorme participação popular, a de Chapo foi restrita, circunscrita a convidados, muitos dos quais transportados por meios do Estado. Destacava-se um enorme aparato policial no local, bloqueando as ruas que dão acesso à praça. Imagens ilustravam também *snippers* nos prédios. Mesmo assim, irromperam alguns protestos, a cerca de 1km, e estes foram respondidos com muita violência por parte das forças policiais, culminando com a morte de pelo menos um dos protestantes, mas, no mesmo dia, contaram-se 10 mortes no contexto dos protestos em todo o país.

É neste contexto de violência que ocorrem as tomadas de posse dos “dois presidentes”, Daniel

Chapo, proclamado oficialmente, e Venâncio Mondlane, que se diz eleito pelo povo. No entanto, esses episódios de violência não são isolados. A polícia moçambicana sempre respondeu aos protestos de forma violenta, com força desproporcional, mobilizando cães, balas de gás lacrimogéneo e balas reais contra os protestantes. Algumas destas balas são lançadas para residências, ferindo e matando até pessoas que não estão envolvidas nos protestos. O silêncio dos governantes perante estas graves violações de direitos humanos, incluindo o actual e anterior presidente da República, Chapo e Nyusi respectivamente, e das lideranças das forças policiais, são interpretados como sinais de cumplicidade e até do seu envolvimento directo no comando das acções das forças policiais.

Mas a violência não é apenas da polícia. Durante os protestos, protagonizam-se actos de sabotagem e vandalização, incluindo de esquadras. Há polícias mortos e, mais recentemente, Venâncio Mondlane anunciou que se aplicaria a lei de Talião, de 'olho por olho e dente por dente,' significando que, por cada cidadão morto pela polícia seria morto também um polícia. Paralelamente, Venâncio multiplica os seus apelos à desobediência civil, agora em forma do que ele mesmo designa por decretos presidenciais, em analogia aos instrumentos normativos do presidente oficial, Daniel Chapo. Venâncio protagoniza uma governação sombria, como ele mesmo alega. Entre as medidas mais recentes de Venâncio, destaque para a do não pagamento das taxas nas portagens, redução dos preços de energia, água e cimento de construção, bastante aplaudidas pelos seus

apoiantes. O não acatamento dessas medidas, ameaça Venâncio, implica uma resposta popular, que ele não especifica, mas geralmente é em forma de protestos, alguns podendo culminar com violência e vandalização das infra-estruturas visadas. Enquanto isso, Chapo desdobra-se na constituição do seu elenco, ainda sem qualquer medida de impacto sobre a situação de crise que se vive.

### **Que cenários?**

Desenham-se dois cenários principais: um pessimista, marcado pela ausência de diálogo e compromissos, com a continuidade da instabilidade ou mesmo seu agravamento; e outro optimista, com diálogo, abrindo caminho para a reconciliação e o retorno à estabilidade. A viabilidade do diálogo é, portanto, central para definir qual desses caminhos prevalecerá. No entanto, até agora, os avanços nesse sentido têm sido limitados.

#### **Cenário 1: mais violência e crescente autoritarismo**

O primeiro cenário prevê o agravamento da instabilidade à medida que as partes em contenda permanecem relutantes em dialogar. Nesse contexto, Venâncio Mondlane segue incitando à desobediência civil, aos protestos e à mobilização geral, limitando as possibilidades de Daniel Chapo governar.

Sob pressão, Chapo pode seguir o caminho repressivo de seu antecessor, Filipe Nyusi, recorrendo à polícia para afirmar a sua autoridade e controlo, arriscando-se a intensificar ainda mais as tensões. Quanto maior for a repressão, maior pode ser a resistência por parte dos

protestantes, gerando um ciclo de violência e agitação crescente.

A perseguição política pode-se intensificar, visando figuras proeminentes da oposição, jornalistas e activistas. Em um cenário extremo, isso pode até levar a assassinatos ou à prisão de parte dessas figuras, incluindo o próprio Venâncio Mondlane, gerando maior indignação entre seus seguidores e aumentando ainda mais as tensões sociais.

Há países que seguiram esta trajectória de repressão e autoritarismo, quando também enfrentaram crises pós-eleitorais. Alguns exemplos incluem o Zimbabwe após as eleições de 2008, a Etiópia em 2005, a Venezuela em 2018 e a Rússia em 2011. Embora a repressão permita um controle a curto prazo, revela-se depois insustentável, uma vez que se a instabilidade se instala e o regime fica cada vez mais autoritário. É um risco que Moçambique enfrenta actualmente, se tivermos em conta a brutalidade policial contra os protestantes, que atingiu níveis bastante preocupantes e inaceitáveis. É urgente que se adopte uma abordagem diferente, de maior diálogo e inclusão.

#### **Cenário 2: estabilidade, com diálogo aberto e inclusivo**

Um segundo cenário, mais optimista, depende do diálogo, envolvendo não somente Daniel Chapo e Venâncio Mondlane, mas também outros actores-chave da sociedade, entre os quais líderes religiosos, académicos e figuras da sociedade civil. Este diálogo, sendo aberto, franco e abrangente, pode reduzir as tensões, abrindo espaço para a restauração da confiança nas instituições.

Apesar das tentativas iniciais, os avanços no estabelecimento de um diálogo efectivo têm sido limitados. O ex-presidente Filipe Nyusi deu o primeiro passo ao convidar Venâncio Mondlane. Contudo, as exigências deste, sobretudo no que diz respeito à sua segurança, não foram atendidas, resultando na sua ausência das conversações. Posteriormente, Nyusi reuniu-se com os demais candidatos presidenciais, incluindo Daniel Chapo (Frelimo), Ossufo Momade (Renamo), Lutero Simango (MDM), Albino Forquilha (Podemos) e Salomão Muchanga (Nova Democracia). Após a tomada de posse, Daniel Chapo manteve a iniciativa desses encontros, mas sem a participação de Venâncio Mondlane.

Quando Mondlane retornou a Moçambique, surgiram especulações sobre a possibilidade de encontros com outros líderes da oposição, mas esses encontros nunca se materializaram. Em seu discurso de investidura, Daniel Chapo enfatizou a importância de um diálogo “franco, honesto e sincero”, considerando-o uma prioridade para a estabilidade política e social. No entanto, pouco mais de um mês após

assumir o cargo, não houve relatos de acções concretas nesse sentido, e o próprio Chapo negou publicamente que estivessem ocorrendo contactos para viabilizar esse diálogo mais inclusivo. No entanto, mais recentemente, Ana Rita Sithole, quadro sénior da Frelimo, descartou a possibilidade de um acordo político com Mondlane, enviando um sinal claro de que parte dos membros deste partido é relutante em engajar-se em diálogo, prolongando o impasse e enfraquecendo qualquer perspectiva de restaurar a paz.

É fundamental que Daniel Chapo, enquanto Presidente da República e com responsabilidades acrescidas sobre a estabilidade do país, tome a iniciativa de promover um diálogo efectivo e construtivo. Da mesma forma, Venâncio Mondlane deve manter sua disposição para o diálogo, mas também reavaliar suas reivindicações, dado que a busca pela verdade eleitoral, que esteve no centro de sua luta, tornou-se cada vez mais difícil de concretizar. Esse cenário não se deve apenas à proclamação oficial dos resultados pelo Conselho Constitucional, mas também à destruição dos materiais eleitorais, tornando inviável uma revisão do processo.

Em conclusão, é fundamental recordar que, apesar das especificidades do contexto actual, os bloqueios no diálogo apresentam semelhanças com a crise pós-eleitoral de 2009. Naquela ocasião, a ausência de consenso resultou em confrontos armados entre a Renamo, então principal partido da oposição, e o governo da Frelimo. Para evitar a repetição desse cenário, ou um cenário próximo desse, com mais violência e reforço do autoritarismo no país, é importante que os líderes adotem uma abordagem que vá além de gestos simbólicos, implementando medidas concretas e urgentes para viabilizar um diálogo genuíno e inclusivo. Somente por meio desse compromisso será possível romper o ciclo de violência e promover um futuro politicamente estável e mais democrático para o país.

# CODESRIA

*Bulletin*

## Publications Team

**Godwin R. Murunga**  
**Chifaou Amzat**  
**Yves Eric Elouga**  
**Diama Bèye**  
**Radwa Hesham Saad**

*With the assistance of*  
**Patrícia Godinho Gomes**

For contributions and enquiries, please write to:

Council for the Development of Social Science  
Research in Africa  
Avenue Cheikh Anta Diop X Canal IV  
P.O. Box 3304, Dakar  
CP 18524, Senegal  
Tel: +221 33 825 98 23

Email: [publications@codesria.org](mailto:publications@codesria.org)  
Web Site: [www.codesria.org](http://www.codesria.org)

*The Council for the Development of Social Science Research in Africa (CODESRIA) is an independent organisation whose principal objectives are to facilitate research, promote research-based publishing and create multiple forums for critical thinking and exchange of views among African researchers. All these are aimed at reducing the fragmentation of research in the continent through the creation of thematic research networks that cut across linguistic and regional boundaries.*

*CODESRIA publishes Africa Development, the longest standing Africa based social science journal; Afrika Zamani, a journal of history; the African Sociological Review; Africa Review of Books and the Journal of Higher Education in Africa. The Council also co-publishes Identity, Culture and Politics: An Afro-Asian Dialogue; and the Afro-Arab Selections for Social Sciences. The results of its research and other activities are also disseminated through its Working Paper Series, Book Series, Policy Briefs and the CODESRIA Bulletin. All CODESRIA publications are accessible online at [www.codesria.org](http://www.codesria.org).*

*CODESRIA would like to express its gratitude to the Swedish International Development Cooperation Agency (SIDA), the Norwegian Agency for Development Cooperation (NORAD), the Carnegie Corporation of New York (CCNY), the Open Society Foundations (OSFs), Oumou Dilly Foundation, Ford Foundation and the Government of Senegal for supporting its research, training and publication programmes.*

© Council for the Development of Social Science  
Research in Africa 2025



Ce Bulletin est distribué gratuitement à tous les instituts et facultés de recherche en sciences sociales en Afrique et au-delà afin d'encourager la coopération en matière de recherche entre les chercheurs africains. Les personnes et institutions intéressées peuvent également s'inscrire sur la liste de diffusion du CODESRIA pour recevoir le Bulletin dès sa parution. Les contributions sur des questions théoriques et les rapports sur les conférences et séminaires sont également les bienvenus.